

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS**  
**- HOMENAGEM A JOSÉ LOPES**  
**11 de Dezembro de 2020**

**GUERRA / 2020**

*Um filme de Marta Ramos e José Oliveira*

Realização: Marta Ramos e José Oliveira / Argumento: José Oliveira e José Lopes / Direcção de Fotografia: José António Loureiro, Manuel Pinto Barros e Pedro Bessa / Interpretação: José Lopes, Dulce Pascoal, Fernando Castro, Daniel Pereira, António Soares, Luís Miguel Cintra.

Produção: OPTEC Filmes / Produtores: Abel Ribeiro Chaves, José Oliveira, Marta Ramos / Cópia: digital, cor, falada em português / Duração: 105 minutos.

\*\*\*

**Guerra** é um filme para José Lopes, mas também é um filme *por* José Lopes. Nos vários sentidos que a preposição pode ter: é um filme que está do lado de José Lopes, e de todos os que ele, assim como a sua vida, representa, e portanto é um filme por ele(s); é um filme que chama José Lopes a uma condição de autoria partilhada, pela participação no argumento mas também pela forma como o habita (e apetece acrescentar o nome dele, na ficha técnica acima, aos dois nomes que se seguem a “um filme de”); é, finalmente, um filme que é movido por José Lopes, actor e presença que são a sua energia e o seu sangue, e em torno de quem tudo gira e tudo se ergue. A homenagem cumpre-se – e não há, hoje, forma melhor de classificar este filme – pela forma como **Guerra** oferece ao actor aquilo que ele nunca, ou raramente, teve: o centro de um filme, que emana dele e, digamos assim, cristaliza a sua presença. **Guerra** é um cristal de José Lopes.

Ele nunca ou raramente teve isto, escrevemos acima, e a atenuação do “nunca” com o “raramente” deve-se em grande parte à sua colaboração com José Oliveira (sem esquecer outros títulos como o **Adeus Lisboa** de João Rodrigues). **Guerra** vem, também, de **Longe**, a curta-metragem de Oliveira que oferecia a José Lopes outro filme inteiramente à sua medida, igualmente encontrado na margem entre o lado ficcional da sua presença (digamos, a “personagem”) e o que essa presença, e o olhar sobre ela, comporta também enquanto carácter documental. Se há uma coisa que o cinema “documenta” sempre, quer queira quer não, são os actores, as pessoas que filma, o movimento oscilante entre “actor” e “personagem”, que é a raiz de qualquer ficção, mas também, porque no fundo vai dar tudo ao mesmo, de qualquer documento. Isso, aqui, é central.

É central desde o momento em que primeiro vemos José Lopes, numa aparição retardada – depois do bonito arranque com o album de fotografias da guerra e a voz off da criança – e preparada como um entrada quase teatral, José Lopes a emergir do escuro (e do fora de campo) para ocupar a cena numa espécie de pantomima de um soldado em passo de marcha. Actor e personagem apresentam-se em pura representação dentro da representação, assunção do “pequeno teatro” de José Lopes. No que o filme tem de mais dramático – a evocação da guerra colonial e do sacrifício de tanta gente jovem, que lá morreu ou lá perdeu a juventude – mas também no que o filme tem de mais caloroso (portanto, entre a morte que embebe o filme e a vida que o filme celebra), nunca mais se sairá desse pequeno teatro, um pequeno teatro às vezes musical (são vários os momentos em que o filme nos pede apenas que ouçamos a música), e às vezes uma coisa mais sombria, encenação ou reencenação da farsa trágica da guerra – como nos muitos momentos em que, como um abismo onírico e no entanto profundamente material, é a guerra, fardas, armas e tudo, que Lopes e os seus coadjuvantes

recriam, entre um “pathos” inapelavelmente “moderno” (certos momentos desses lembram o que Pedro Costa fez com Ventura, por exemplo a cena do elevador em **Cavalo Dinheiro**) e a distensão, a leveza cheia de consciência de si, de tantas cenas de guerra de filmes clássicos (porque a guerra, como dizia Fuller, são “95% de tédio e 5% por cento de pânico total”, e esses 95% de tédio, de espera, são sempre muito mais interessantes do que o pânico).

E com este filme, nunca se dirá adeus a José Lopes. Ele está aqui – em cristal.

Luís Miguel Oliveira